

com interbancário atrasam crédito "jumbo"

Nova Iorque — "Atraso para obter respostas quanto à documentação". Essa foi a causa apontada pelo comitê de assessoria da dívida brasileira, num telex enviado quinta-feira a todos os bancos que participam da renegociação, para justificar a transferência da data de assinatura do crédito jumbo e dos demais termos do pacote brasileiro do dia 16 para algum dia ainda não determinado da semana que começa no próximo dia 23.

Fontes bancárias e uma fonte próxima ao FMI afirmaram, em Nova Iorque e em Washington, que o problema de documentação que está atrasando a resposta dos bancos está "na segunda parte dos contratos enviados aos bancos" (mercado interbancário e linhas de crédito para a exportação). A fonte ligada ao Fundo foi ainda mais específica: "O problema é no interbancário" que, segundo ele, "pela primeira vez está sendo negociado numa base nova e isso leva a muita discussão".

Faltam mais de US\$ 60 milhões

Desde o anúncio da data de 16 de janeiro para a assinatura do pacote, todas as atenções vêm se concentrando em quanto falta para se completar o crédito de 6,5 bilhões. Até ontem, em Nova Iorque, não havia sido divulgado um novo total. Fontes ligadas ao comitê de assessoria garantiam que a quantia é "substantialmente maior do que os 60 milhões anunciados no Brasil".

Mas o problema real parece estar em outra parte: ao mesmo tempo que, em Brasília, era anunciado o adiamento da assinatura, os bancos recebiam um telex curto, enviado por William Rhodes (coordenador do comitê de assessoria), assinado por ele e pelos dois subcoordenadores, Guy Huntrods (Lloyds) e Leighton Coleman (Morgan).

O telex começa informando que: "Devido a um atraso em obter respostas quanto à documentação, foi decidido adiar a data de assinatura para a semana de 23 de janeiro de 1984". No segundo parágrafo, acrescenta que: "Aproveitamos a oportunidade para pedir aos bancos que ainda não comunicaram a sua concordância quanto à documentação para que o façam imediatamente. Além disso, requeremos aos poucos bancos que ainda não responderam positivamente à fase 2 do plano de financiamento do Brasil que nos enviem suas respostas positivas o mais rápido possível".

No terceiro e último parágrafo, o comitê limita-se a informar aos bancos que: "Uma comunicação posterior será enviada em breve com detalhes específicos quanto à data de assinatura e o local".

Consultado, um banqueiro ligado ao comitê de assessoria informou inicialmente que "o problema está na segunda leva de documentos enviados aos bancos". (Os bancos receberam os contratos em duas partes, primeiro seguiram as referentes ao jumbo e ao refinanciamento da dívida que vence em 84; e depois seguiram os contratos das linhas de crédito para a exportação e o mercado interbancário.) Outro banqueiro, com a mesma informação, acrescentou: "O problema consiste em ligar o pacote como um todo, compatibilizando a primeira parte dos contratos com a segunda parte."

A fonte ligada ao FMI foi mais direta: "É no interbancário." Segundo essa fonte, "é do interesse do Fundo que todo o pacote (incluindo as suas quatro linhas) seja fechado e isso é mais importante do que se conseguir os 6,5 bilhões, pois o que está faltando para completar o jumbo é uma ninharia", acrescentando ainda que não vale a pena alongar as negociações por causa do jumbo. (Vale observar que o telex de Rhodes refere-se a "poucos" bancos que ainda não aderiram ao novo empréstimo.)

O precedente do interbancário

Sobre os documentos, a fonte ligada ao FMI disse que "a base nova" em que o interbancário está sendo colocado exige "muita discussão" dos advogados dos bancos, pois o que está sendo negociado agora abre um precedente para futuras negociações". Lembrou ainda que, na primeira fase da renegociação brasileira, os bancos "apenas manifestaram a intenção de manter o nível do interbancário e agora isso tem que estar no papel".

No momento, o mercado interbancário está (segundo o próprio comitê de assessoria) em 5,35 bilhões de dólares. O total pedido pelo Brasil é de 6 bilhões, dos quais os bancos privados internacionais participam com 5,7 bilhões; instituições financeiras internacionais entram com 300 milhões. (A participação dos bancos está, portanto, 350 milhões de dólares abaixo da meta estabelecida.)

O que parece estar acontecendo é uma resistência dos bancos a se comprometer por escrito a manter inalterado seu volume de recursos no interbancário (um mercado de aplicações a curto prazo) durante todo o ano de 84. Para os bancos — considerando o risco do Brasil — essa parece uma má aplicação. Perguntado sobre essa reticência, um banqueiro ligado ao comitê se limitou a comentar que "isso é possível".

Os negociadores parecem estar querendo evitar a possibilidade de os bancos repetirem o que fizeram por ocasião da primeira fase da renegociação, no final de 82, quando se comprometeram a restabelecer as linhas de interbancário nos níveis existentes antes da crise de meados daquele ano e acabaram por não fazê-lo. Desta vez, os coordenadores querem ter certeza de que não haverá surpresas e alguns bancos parecem justamente estar resistindo a isso.